



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E
DO PROFESSOR ESPECIALIZADO ENQUANTO
PARCEIROS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO
ALUNO COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA REDE
REGULAR DE ENSINO**

ARTIGO MONOGRÁFICO

Gislaine Gundel Mezzomo

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E DO
PROFESSOR ESPECIALIZADO ENQUANTO PARCEIROS
NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS
HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO NA
REDE REGULAR DE ENSINO**

Por

Gislaine Gundel Mezzomo

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação.**

Orientadora: Prof^a Ms. Larice Maria Bonato Germani

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM
Curso de Pós-Graduação – Educação Especial: Altas
Habilidades/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo Monográfico de Especialização

**O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E DO PROFESSOR
ESPECIALIZADO ENQUANTO PARCEIROS NO PROCESSO DE
INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/
SUPERDOTAÇÃO NA REDE REGULAR DE ENSINO**

elaborado por
Gislaine Gundel Mezzomo

Como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof^a. Ms. Larice Maria Bonato Germani
(Presidente / Orientadora)**

Prof^a. Dr.^a Nara Joyce Wellausen Vieira

Prof^a. Dr.^a. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez

Santa Maria, 25 de outubro de 2008

O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR E DO PROFESSOR ESPECIALIZADO ENQUANTO PARCEIROS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO NA REDE REGULAR DE ENSINO

MEZZOMO, Gislaine Gundel¹
GERMANI, Larice Maria Bonato²

RESUMO

Um dos maiores desafios da educação atualmente é oferecer uma educação de qualidade a todos, considerando a diversidade, a diferença e respeitando a especificidade de cada um. Educar no contexto da educação inclusiva requer uma mudança de atitude, não só dos professores, mas de todos os segmentos envolvidos nesta tarefa: escola, família, sociedade. O presente artigo tem por objetivo analisar a mudança de postura da escola, mais especificamente do professor, ao receber, em meio a tanta diversidade, um aluno com indicadores de altas habilidades/superdotação. Para desenvolver este assunto, foi realizado um estudo de caso, onde o foco foi identificar as estratégias pedagógicas que potencializam o processo de aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação na sala de aula do ensino regular. A falta de conhecimento a respeito das altas habilidades/superdotação, os mitos que rotulam tais alunos, os currículos fechados e as práticas pedagógicas voltadas para o aluno médio e abaixo da média são algumas das barreiras que precisam ser derrubadas, para que as especificidades do aluno com altas habilidades/superdotação sejam respeitadas e seu potencial seja estimulado e desenvolvido.

Palavras chave: Educação especial, altas habilidades/superdotação, formação de professores.

ABSTRACT

THE ROLE OF THE REGULAR TEACHING TEACHER AND THE SPECIALIZED ONE AS PARTNERS IN THE INCLUSION PROCESS OF STUDENTS WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS IN REGULAR TEACHING SCHOOLS'

Nowadays, one of the greatest challenges of education is to offer good quality education to everyone, considering the diversity and the differences, and respecting each student's specificities. Educating in an inclusive context requires not only a change in the teachers' attitude, but also a change in all the segments that are involved in this task (school x family x society). The present article aims to analyze the change in the posture of the school, more specifically the teacher's, when receiving a student with high abilities/giftedness amidst so much diversity. The development of this subject was enabled through a study case, which was focused on identifying the pedagogical strategies that potentialized the learning process of the students with high abilities/giftedness in the regular teaching classroom. The lack of knowledge with regards to high abilities/giftedness, the myths that label such students, the

¹ Aluna do curso de pós-graduação em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS.

² Professora Mestre do curso de pós-graduação em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação, pela Universidade Federal de Santa Maria-RS.

closed curriculums and the pedagogical practices directed to average and bellow average students are some of the barriers that need to be overcome for that the specificities of students with high abilities/giftedness be respected and their potential be stimulated and developed.

Key words: Special education, high abilities/giftedness, teacher's formation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o propósito de elucidar alguns aspectos importantes relacionados ao processo de inclusão dos alunos com altas habilidades/superdotação na rede regular de ensino.

Assim, as questões deste estudo foram pesquisadas no contexto de um estudo de caso, realizado em uma escola pública do município de Santa Maria, cujos objetivos eram: analisar a mudança na postura pedagógica do professor do ensino regular ao receber em sua turma uma aluna com indicadores de altas habilidades/superdotação; identificar as estratégias pedagógicas que potencializam o processo de inclusão do aluno com altas habilidades/superdotação na sala de aula do ensino regular; apontar para a importância da parceria e do trabalho conjunto entre o professor do ensino regular e o professor especializado em altas habilidades/superdotação.

Foram sujeitos da pesquisa uma professora da terceira série do ensino fundamental que tinha entre seus alunos, uma aluna com indicadores de altas habilidades/superdotação, e uma professora especializanda em altas habilidades/superdotação.

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram a entrevista semi-estruturada e a observação direta.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram realizadas duas entrevistas (uma no início da pesquisa e outra no final da mesma) com a professora do ensino regular, com perguntas a respeito do tema das altas habilidades/superdotação; textos explicativos com conceitos, características e alternativas de atendimento do aluno com altas habilidades/superdotação e para finalizar o estudo, foi realizada uma análise de todo o processo desenvolvido, bem como de quais estratégias utilizadas em sala de aula foram favoráveis para a potencialização do processo de aprendizagem da aluna com indicadores de altas habilidades/superdotação na sala de aula do ensino regular.

Desenvolver este estudo partiu da necessidade em aprofundar o tema que tange o atendimento educacional do aluno com altas habilidades/superdotação no contexto da educação inclusiva, tema este de grande relevância, dado o momento histórico que a escola e

a educação passam- um momento de reforma e reestruturação do currículo, das práticas pedagógicas, da maneira de conceber e olhar o aluno e da própria concepção de educação.

O movimento pela educação inclusiva tem seus princípios fundamentados nos direitos humanos e na igualdade de oportunidades de acesso e permanência de todos na escola regular com uma educação de qualidade.

O direito à educação, na perspectiva da educação inclusiva, abre caminhos para a entrada de uma diversidade de alunos, cada um com suas culturas, raças, características próprias, ritmos variados de aprendizagem, com ou sem necessidades especiais (deficiência ou altas habilidades/superdotação).

Tanta diversidade requer da escola, de acordo com o que diz Mittler (2003, p.34), "uma reforma radical em termos de currículo, avaliação, pedagogia", uma reforma que assegure a igualdade de oportunidades a todos, oferecendo-lhes o que cada um necessita para que suas especificidades sejam respeitadas e valorizadas.

Cabe à escola proporcionar aos seus alunos não apenas o direito de aprender, mas o direito de desenvolver-se plenamente enquanto cidadão, através de uma educação de qualidade que respeite e valorize o que cada um traz em sua bagagem.

A educação inclusiva implica em uma forma diferente de olhar a escola e seu aluno. Tal educação requer uma escola que deixe de ser a transmissora de conteúdos e passe a ser parte responsável, também, pela construção da identidade de seu aluno; uma escola que prime pela diversidade humana.

Diante deste novo olhar, a educação passa a considerar a diferença como uma oportunidade de desenvolver potenciais e adotar práticas pedagógicas enriquecedoras, baseadas na construção do conhecimento e não mais na transmissão do mesmo.

A falta de conhecimento sobre as altas habilidades/superdotação, a concepção distorcida a respeito do processo educacional destes alunos, os mitos recorrentes destas desinformações e a estrutura educacional ultrapassada têm refletido diretamente na prática pedagógica adotada pelos professores e na escassez da oferta de oportunidades desafiadoras que potencializem e favorecem o processo educacional de todos os alunos, mas principalmente dos alunos com altas habilidades/ superdotação.

Constam neste artigo a concepção de inteligência segundo Gardner; o conceito de altas habilidades/superdotação; um enfoque especial ao atendimento educacional às altas habilidades/superdotação frente à escola inclusiva; a apresentação do caso; a análise dos dados seguida das considerações finais.

1 CONCEPÇÃO DE INTELIGÊNCIA

A inteligência humana é um assunto que há muitos anos vem sendo estudado e pesquisado pelas diversas áreas do conhecimento. Dada a complexidade da mente humana, vários conceitos foram elaborados para definir inteligência.

O conceito de inteligência está diretamente relacionado com o tema das altas habilidades /superdotação, e um dos teóricos que vem contribuindo muito para este assunto é Howard Gardner, por ser este um teórico contemporâneo que vem revolucionando o campo dos estudos da inteligência humana, ao considerar esta numa visão pluralista.

Gardner (1994) considera oito inteligências que, segundo ele, são universais na espécie humana, a saber: inteligência lingüística; lógico-matemática; espacial; corporal-cinestésica; musical; naturalista; interpessoal e intrapessoal.

Estas inteligências ou potenciais, como ele denomina, apresentam-se de forma independentes uma das outras, mas que em dado momento podem se combinar para a realização de alguma atividade ou na resolução de algum problema.

Para Gardner (2000, p 47), a inteligência é “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar ou criar produtos valorizados numa cultura”. De acordo com este conceito, fica evidente que a inteligência é um processo dinâmico, o qual depende fundamentalmente das oportunidades oferecidas e do contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido, para que o mesmo seja ativado.

Em relação à importância do contexto cultural, Virgolim (2007, p.54) ressalta que “algumas inteligências são mais valorizadas em uma cultura do que em outra e, portanto, o indivíduo só pode ser considerado inteligente se o seu contexto for levado em consideração”.

Contrariando esta visão pluralista de inteligência, comumente tem-se considerado apenas duas das oito inteligências propostas por este autor: a inteligência lingüística e a lógico-matemática, por serem estas muito valorizadas nos testes psicométricos e nos contextos em que o aluno está inserido, ou seja, na escola e na sociedade.

Com relação a esta questão, Gardner (1995) salienta que a tendência das escolas em tornar a educação uniforme, tratando todos os alunos da mesma maneira e aplicando-lhes o mesmo tipo de teste, é inadequada em termos científicos e ofensiva em termos éticos, principalmente no que diz respeito aos alunos com altas habilidades/superdotação, que apresentam um potencial mais desenvolvido em determinada área e que necessitam ser valorizados, em escolas com ambientes estimuladores e ricos em oportunidades desafiadoras.

Considerar o aluno em todos seus aspectos permite ao professor conhecer sobre os potenciais destes e identificar possíveis dificuldades presentes em determinada área.

É neste sentido que a teoria das inteligências múltiplas vem subsidiar o processo educacional dos alunos com altas habilidades/superdotação no contexto da educação inclusiva, valorizando a sua área em potencial, respeitando sua especificidade e exigindo uma educação de qualidade voltada para o todo, não apenas para uma parte do aluno.

1.1 Concepção de altas habilidades/superdotação

O tema das altas habilidades/superdotação vem ganhando cada vez mais espaço no âmbito do cenário educacional, tanto a nível nacional quanto internacional, mais especificamente no que se refere ao atendimento educacional especializado dos alunos que apresentam tais indicadores.

A questão das altas habilidades/superdotação ainda apresenta uma postura controvertida e polêmica, adotada por parte da maioria da sociedade que culturalmente idealizou estas pessoas através de rótulos, pré-conceitos e mitos.

Um empecilho muito forte em relação a este tema diz respeito à variação na definição de quem é o aluno com altas habilidades/superdotação.

Saber quem é este aluno, quais suas características, suas especificidades, transformá-lo, para o professor do ensino regular, em uma fonte de informação riquíssima, onde, a partir desta informação, ele passará a entender melhor parte do processo educacional do aluno com altas habilidades/superdotação e poderá planejar suas atividades, visando o respeito e a estimulação da aprendizagem dos referidos alunos.

Um dos conceitos de superdotação mais utilizados e defendidos atualmente é sem dúvida o conceito elaborado pelo americano Joseph Renzulli, que conceitua superdotação como:

Comportamentos que refletem uma interação entre três grupamentos básicos dos traços humanos – sendo esses grupamentos gerais e/ou específicos acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade. (RENZULLI, 1986, p.11).

Nesse sentido, a intersecção dos três grupamentos caracteriza a definição de superdotação, destacando que estes comportamentos deverão apresentar certa frequência, intensidade e consistência ao longo do tempo (RENZULLI, 1986).

No Brasil, recentemente, foi elaborado pelo Ministério da Educação a nova Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que caracteriza os alunos com altas habilidades/superdotação, como sendo aqueles que demonstram “potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008, p.10).

Este conceito vai ao encontro da definição de inteligência proposta por Gardner e respeita o conceito elaborado por Renzulli, uma vez que considera as demais inteligências presentes no ser humano e aponta para a presença da criatividade e do envolvimento com a tarefa.

Embora se tenha presente a definição de quem sejam os alunos com altas habilidades/superdotação, é importante destacar a presença de muitos mitos em relação a estas pessoas, mitos estes que os acompanham desde a sua identificação até a sua escolarização. De acordo com Pérez (2003) estes mitos se transformam em fortes barreiras que prejudicam a construção da identidade destes alunos, refletindo no desenvolvimento acadêmico, pessoal e social dos mesmos.

Um destes mitos é sem dúvida a falsa visão de que os alunos com altas habilidades/superdotação se caracterizam por um excelente rendimento acadêmico (ALENCAR; FLEITH, 2007). Este mito leva, freqüentemente, o professor e os demais leigos na área, a acreditar que o aluno com altas habilidades/superdotação é “um sabe tudo” (FREITAS, 2006, p. 69).

Diante de tal circunstancia, aponta-se para o privilégio dispensado ao desempenho acadêmico, tão valorizado pela escola, esquecendo-se que o ser humano não é apenas acadêmico, e que existem mais áreas ou inteligências presentes nele e que precisam ser respeitadas, valorizadas e estimuladas, o que muitas vezes não é feito pela escola.

Esta crença de que o aluno com altas habilidades/superdotação se destaca em todas as áreas da inteligência humana, com o mesmo desempenho, ou melhor, dizendo, na área acadêmica onde é diariamente cobrado, faz com que as especificidades destes alunos sejam ignoradas, e, de certa forma, não respeitadas pelo contexto educacional onde está inserido, e, mais especificamente, não tenha respeitada a sua diversidade, tão defendida de forma incisiva pela educação inclusiva.

Este é, sem dúvida, talvez o mito que mais dificulta o desenvolvimento educacional dos alunos com altas habilidades/superdotação, uma vez que, concebendo o aluno como um

“gênio”, o professor fica impossibilitado de perceber as habilidades e as necessidades de seu aluno, levando-o muitas vezes ao desânimo, e, às vezes à evasão escolar.

A respeito destes mitos e desta visão preconceituosa que acompanham os alunos com altas habilidades/superdotação “o nosso saber a respeito de tantas coisas que não são verdadeiras é que realmente constitui um entrave a um conhecimento maior” (RUTTER (1976, apud ALENCAR; FLEITH 2007, p.16).

Este entrave na busca de um melhor (re) conhecimento na área das altas habilidades/superdotação, na escassez de informações a respeito destes alunos, a prática educacional voltada para a homogeneidade e direcionada para o aluno “médio e abaixo da média” (ALENCAR; FLEITH. 2007,p .17), os mitos e crenças a respeito do desconhecido, tem acarretado em enormes prejuízos ao desenvolvimento educacional dos alunos com altas habilidades/superdotação na rede regular de ensino.

De nada adianta sabermos quem é o aluno com altas habilidades/superdotação, se insistirmos em olhá-los sobre os prismas dos rótulos, mitos, crenças e inverdades sobre seu respeito.

1.2 O atendimento educacional às altas habilidades/superdotação frente este novo desafio: a escola inclusiva

Como mencionado anteriormente, a educação e a escola estão passando por uma reestruturação organizacional e operacional. Para que esta reestruturação aconteça na íntegra é necessária uma mudança perante a concepção de aluno, inteligência e aprendizagem. Esta mudança permitirá ao professor refletir sobre quem é seu aluno? Como ele aprende? Qual área, dentro das oito inteligências propostas por Gardner, que ele se destaca? O que posso fazer para que meu aluno aprenda e desenvolva sua habilidade?

Considerando o contexto da educação inclusiva, e em se tratar da aprendizagem dos alunos com altas habilidades/superdotação, torna-se imprescindível, tanto para o professor do ensino regular quanto para o professor especializado, conhecer o aluno, saber qual a inteligência que predomina nele, e identificar quais estratégias pedagógicas e metodológicas potencializam seu processo de aprendizagem.

O aluno com altas habilidades/superdotação apresenta um fator negativo em relação aos demais sujeitos alvos da educação inclusiva: por não apresentar características físicas, visíveis, que identifiquem e/ou rotulam o aluno com altas habilidades/superdotação, o mesmo

acaba passando despercebido aos olhos dos leigos, misturando-se aos demais alunos tidos como “normais” e recebendo a mesma atenção, ou “falta de atenção”, que seus colegas.

Frente a esta questão, a escola regular “cumpre”, em primeira instância, com o princípio maior da educação inclusiva, que é ofertar o direito ao acesso e a permanência de todos na escola de ensino regular.

O aluno com altas habilidades/superdotação está matriculado na escola, mas requer da mesma o respeito a sua especificidade, e ainda, requer também, além de sua identidade reconhecida e respeitada, um ambiente rico em oportunidades e “variedades de experiências de aprendizagem enriquecedoras, que estimulem o seu desenvolvimento e favoreçam a realização de seu potencial” (ALENCAR; FLEITH, 2007, p.17)..

Sabemos que a realidade das nossas escolas públicas, com salas de aulas superlotadas, multiseriação, enturmação, onde professores tem que cumprir calendários e vencer conteúdos pré- estabelecidos, não contribuem para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, que vislumbre as especificidades de cada aluno, nem dos alunos tidos como normais e, nem, principalmente dos alunos com altas habilidades/superdotação.

Para que o aluno com altas habilidades/superdotação tenha seu direito a educação de qualidade cumprido, é necessário cursos de formação na área das altas habilidades/superdotação, muita informação sobre estes alunos, a presença, dentro da escola, de uma equipe multidisciplinar atuando diretamente com os professores, com o aluno e a família do mesmo, além do mais é imprescindível o trabalho conjunto entre professor do ensino regular e o professor, ou profissional, especializado em altas habilidades/superdotação

O professor, ou profissional, especializado terá a incumbência de dar o aporte teórico e específico sobre as altas habilidades/superdotação ao professor do ensino regular, promovendo uma reflexão diante da visão errônea e mistificada que se tem a respeito destes alunos. É também de responsabilidade do professor, ou profissional, especializado, fazer o intercâmbio entre o ensino regular e o especializado, trabalhar na especificidade de seu aluno, proporcionado o desenvolvimento daquela área em que seu potencial é mais desenvolvido, é também de responsabilidade do professor, ou profissional, especializado auxiliar na opção metodológica a ser adotada pelo professor do ensino regular visando o desenvolvimento das habilidades do aluno e respeitando suas especificidades.

O professor do ensino regular, tendo todo este aporte, terá condições de atender as especificidades do aluno com altas habilidades/superdotação no contexto da sala de aula do ensino regular, através da adoção de uma metodologia voltada a respeitar a diversidade

humana, através de currículos flexíveis, abertos, atividades dinâmicas, instigadoras que despertem o interesse de todos por aprender

É evidente que a responsabilidade em desenvolver o potencial do aluno com altas habilidades/superdotação não é de exclusividade nem do professor do ensino regular, nem do profissional especializado, é necessário que “haja uma coordenação efetiva que se responsabilize pelo desenvolvimento destes alunos, tanto no contexto da sala regular quanto na sala de recursos” (VIRGOLIM, 2007, p.18).

Em sentido oposto, o que se tem presenciado é “uma tendência para se criar uma separação entre os dois programas, como se a criança pudesse ser superdotada apenas no ensino especializado” (VIRGOLIM, 2007, p.18). A insistência em separar estes dois elos da corrente (professor do ensino regular e professor especializado), indispensáveis um ao outro, tornará o processo de educação inclusiva dos alunos com altas habilidades/superdotação fadado ao fracasso.

A oferta de oportunidades variadas, as atividades enriquecedoras, o respeito pela diversidade, o atendimento da especificidade de cada aluno (seja ele com altas habilidades/superdotação ou não), a educação de qualidade para todos, são alguns dos desafios que a escola precisa enfrentar neste novo paradigma de educação inclusiva.

Porém, o grande desafio a ser enfrentado tanto pela escola quanto pela sociedade em geral é em relação aos mitos existentes frente àqueles que “fogem” das normas instituídas por uma sociedade tradicionalmente preconceituosa.

A falta de conhecimento a respeito dos alunos com altas habilidades/superdotação não pode mais ser utilizada como único entrave do processo educacional destes alunos.

O aluno com altas habilidades/superdotação requer desta nova escola- inclusiva- um novo olhar, que respeite, aceite, aposte e estimule suas habilidades, na mesma proporção que atenda suas necessidades.

Diante deste novo contexto, cabe aos educadores “encaminhar o desenvolvimento de pessoas e encontrar a melhor e mais apropriada forma de prover a cada um aquilo de que ele necessita para se tornar o melhor ser humano que pode vir a ser” (GUENTHER, 2006, p. 20).

2 ANÁLISE DO ESTUDO INVESTIGATIVO

2.1. Apresentação do caso-aluna

Sou educadora especial e atuo na área da deficiência mental em duas escolas públicas.

Diante da nova tendência educacional- educação inclusiva- nós educadores especiais temos vivenciado muitas situações frente aos professores do ensino regular. Estes insistem em dizer que não estão preparados, que o melhor para estes alunos seria a classe ou escola especial e, assim por diante.

Os alunos que me são encaminhados para avaliação e possível atendimento educacional especializado não fogem à regra: “dificuldade de aprendizagem”, “agitado”, “não aprende “não”, “não” e tantos nãos que “não” cabe a este artigo fazer maiores referências. Este fato comprova, mais uma vez, que o foco da educação inclusiva, das necessidades especiais, do atendimento educacional especializado e, também, da Educação Especial, direciona-se aos alunos que apresentam algum déficit.

O caso responsável pelo desenvolvimento desta pesquisa, não foi diferente, ou melhor, foi.

A aluna, aqui denominada Fabiana, foi-me encaminhada pela professora M, com a queixa de que esta aluna “não sabia escrever emendado, e não conseguia efetuar cálculos de divisão”. Como acontece comumente, todo e qualquer “caso” que fuja dos padrões “normais”, são encaminhados para a educação especial, resolvi avaliar a aprendizagem desta aluna.

Acredita-se que, em outro momento, esta aluna não despertasse tanto interesse. E explico: comecei no ano de 2007 o curso de Especialização em Educação Especial-Altas Habilidades/Superdotação, promovido pela UFSM. Ao ingressar no curso, estava repleta de mitos a respeito desta clientela, que sempre foi tida como da Educação Especial, mas que sobre a qual nunca havia recebido maiores informações, nem mesmo durante a graduação.

No transcorrer do curso muitas atividades foram propostas, e, foi justamente na realização de uma atividade, para uma determinada disciplina, que tudo aconteceu.

Tínhamos que tentar identificar possíveis indicadores de altas habilidades em algum aluno; era um exercício para aplicação de questionários, auto-denominação, exercícios estes elaborados e utilizados pela professora e estudiosa em altas habilidades/superdotação, Zenita Guenther.

Eu não tinha idéia em qual aluno aplicaria tais testes, foi então que Fabiana, a aluna, chegou à sala, para receber “reforço”. Começamos a conversar para nos conhecermos melhor.

Para minha surpresa, a aluna deu-me, literalmente, uma aula no quesito leitura, escrita e assuntos referentes à vida em outros planetas.

Lancei sobre a mesma um olhar diferenciado, saliento que este olhar só foi possível porque eu já tinha um prévio conhecimento a respeito das altas habilidades/superdotação, e das múltiplas inteligências que envolvem o ser humano.

Ao final da aplicação dos testes, evidenciou-se que a referida aluna apresentava indicadores de altas habilidades/superdotação na área lingüística. Foi então que decidi realizar minha pesquisa de conclusão de curso utilizando este caso como ponto de partida da pesquisa.

Começou-se então o trabalho, cujo foco não foi a aluna com altas habilidades, mas, o processo de inclusão da mesma. Sob este viés, optou-se por investigar a postura da professora do ensino regular frente esta aluna.

2.2. Coleta dos dados

A referida pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2008, numa escola pública, com uma professora de terceira série do ensino fundamental.

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos pela pesquisa foram utilizadas duas entrevistas semi-estruturadas para caracterizar este estudo.

A primeira entrevista foi realizada no início da pesquisa, em que o professor, participante deste estudo, não tinha conhecimento teórico a respeito das altas habilidades/superdotação; e a segunda, já com um breve conhecimento do tema, no final do estudo em questão.

Faziam parte destas entrevistas questões norteadoras referentes ao tema proposto, dentre elas: o conceito de altas habilidades/superdotação, as características destes alunos, o processo educacional, o atendimento especializado e estratégias de atendimento.

A partir da primeira entrevista e de um breve estudo teórico sobre o tema das altas habilidades/superdotação, partiu-se para a observação direta em sala de aula, com o intuito de identificar as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor que bloqueavam ou potencializavam o processo de aprendizagem do aluno em questão.

2.3 Análise dos dados

Diante da primeira entrevista realizada com a professora, ficou evidenciada a falta de conhecimento da mesma a respeito do assunto e a visão preconceituosa e repleta de mitos.

Esta constatação fica claramente explícita na seguinte questão:

Entrevistador:

_ “Professora qual a sua concepção a respeito do aluno com altas habilidades/superdotação? Quem é este aluno?”

Professora:

“É um gênio, um sabe tudo. O professor não precisa nem se preocupar.”

Este mito é muito freqüente na fala das pessoas que não tem conhecimento algum a respeito das altas habilidades/superdotação. Alencar e Fleith (apud RECH; FREITAS, 2006, p. 64) afirmam que “muitos confundem as terminologias: gênio e superdotado, concluindo que ambos se referem aos mesmos indivíduos”.

Esta tendência da sociedade em utilizar estas duas terminologias, distintas entre si, para os mesmos indivíduos, acaba exercendo uma forte influência negativa, tanto para as pessoas com altas habilidades/superdotação, quanto para as demais.

No transcorrer da entrevista, novas evidências apontaram sobre o desconhecimento em relação ao atendimento às altas habilidades/superdotação, da entrevistada:

“Como a aluna “Fabiana” vai ser superdotada, se ela não sabe nem dividir ainda? E tem dificuldade em escrever com a letra cursiva?”

Esta visão de que o aluno superdotado apresenta excelente rendimento em todas as áreas do currículo escolar, torna-se “um dos principais mitos enraizados nos professores” (RECH; FREITAS, 2006, p. 64).

Winner (1998, p.15) salienta que “as crianças podem até ser superdotadas em uma área acadêmica e apresentar distúrbio de aprendizagem em outra”. Esta crença existente de superdotação global está diretamente ligada à falta de conhecimento e a visão distorcida das características das pessoas com altas habilidades/superdotação, refletindo-se na fala, na postura e conseqüentemente na prática pedagógica utilizada pelos professores.

No transcorrer das perguntas muitos outros mitos fizeram-se presentes na fala da entrevistada, a citar: “eles conseguem se desenvolver sozinhos e sem ajuda” (GUENTHER, 2000); “tudo é fácil para as pessoas com altas habilidades/superdotação” (BRASIL, 2001; WINNER, 1998); “o superdotado se sobressai em todas as áreas do desenvolvimento humano” (RECH; FREITAS, 2006).

Este último mito contraria a concepção das Inteligências Múltiplas, sobre o qual Gardner (1994) destaca que as inteligências ou potenciais apresentam-se de forma independentes uma das outras.

Outro mito muito freqüente é em relação ao atendimento educacional especializado para o aluno com altas habilidades/superdotação.

Pérez (2003) salienta que “por desinformação ou omissão proposital, o aluno com altas habilidades/superdotação não é considerado aluno com necessidades especiais”, e por, não requer atendimento educacional especializado.

Este mito ficou evidente na fala da professora M:

Colega, eu tenho uma turma com trinta alunos, onde um tem deficiência mental, que requer muita atenção e desdobramento, e tu vens me falar de atendimento especializado e dificuldades de aprendizagem do aluno superdotado? O nome já diz 'superdotado' [...].

À *priori*, esta fala da professora reforçou o estigma criado em torno do atendimento educacional especializado; atendimento este que está diretamente relacionado com os alunos que apresentam algum tipo de deficiência ou dificuldades na aprendizagem, mas “jamais” com os alunos com altas habilidades/superdotação.

No entanto estes alunos requerem atenção e atendimento especial, tanto para estimular seus potenciais, quanto para atender possíveis necessidades apresentadas por eles.

Esta primeira entrevista possibilitou-me abordar alguns aspectos que contemplam os alunos com altas habilidades/superdotação, transformando-se em um instrumento rico em informações, de onde pude partir para o estudo propriamente dito.

Com a finalidade de proporcionar um melhor entendimento à professora a respeito das altas habilidades/superdotação, foi-lhe oferecida uma breve formação, onde disponibilizei textos, debates, filmes, reflexões.

A partir desta explanação, a professora pode rever seus pré-conceitos, “despir-se” de alguns mitos, reavaliar sua prática pedagógica, sua concepção de educação e currículo, e partir para o novo desafio: atender, na sala de aula do ensino regular, a especificidade da aluna com indicadores de altas habilidades/superdotação, sem prejudicar a qualidade da educação dos outros alunos, pelo contrário, favorecendo e potencializando o processo de aprendizagem de todos.

Através da observação direta em sala de aula, em primeira instância, pôde-se identificar algumas estratégias utilizadas pela professora, que “prejudicavam”, ou melhor dizendo, não consideravam o processo de aprendizagem da aluna em questão.

Antes de ser lançado o desafio de aprender um pouco a respeito dos alunos com altas habilidades/superdotação e transformar suas aulas em ambientes ricos e estimuladores, a professora do ensino regular utilizava o quadro-negro repleto de conteúdos e atividades, como maneira dos alunos silenciarem e prestarem a atenção no que ela ensinava.

A professora, muito tradicional, não realizava trabalhos em grupos, encenações, nada que fugisse de seu controle. Seu planejamento diário era fechado, com horário certo para tudo.

Após alguns meses de trabalho teórico e prático envolvendo as duas professoras em questão, adotou-se o enriquecimento curricular como alternativa de atendimento e intervenção

em sala de aula, pois este era o foco da pesquisa, identificar estratégias que potencializam o processo de aprendizagem do aluno com altas habilidades/superdotação.

Com relação ao enriquecimento curricular Sabatella e Cupertino (2007) citando Pérez, Rodrigues e Fernández (1998) ressaltam que “acreditam que esse é o sistema que oferece mais alternativas para atender à diversidade de habilidades, interesses e estilos, porque podem ser organizados de acordo com a especificidade de cada caso”.

O enriquecimento curricular possibilitou a todos os alunos, e em especial, à aluna com altas habilidades/superdotação, uma maior potencialização no processo educacional.

Esta potencialização só foi possível mediante a mudança tanto na maneira de ver o aluno quanto na postura metodológica da professora M.

Algumas estratégias adotadas e que foram fundamentais para o alcance do objetivo proposto pelo estudo foram: flexibilização do currículo; utilização do conteúdo como meio de conhecimento e não como fim; vivência de situações desafiadoras e práticas, através de oficinas de teatro, música, soletração; aproveitamento do conhecimento da aluna em determinado tema (vida em outros planetas), para aprofundar o conhecimento de todos, através de maquetes, vídeos; mudança na organização da sala de aula (promover trabalhos em grupos); oportunizar seminários de acordo com um tema escolhido pelos alunos; e, principalmente, a mudança na metodologia e interação do professor, ou seja, ter um papel de mediador e facilitador do ensino e aprendizagem.

Este estudo teve, a princípio, seus objetivos alcançados uma vez que houve, desde o início, a parceria e o trabalho conjunto entre a professora do ensino regular e a professora especializada em altas habilidades/superdotação.

A professora do ensino regular teve todo o apoio, suporte teórico e prático da professora especializada, que a auxiliou na sugestão de algumas atividades a serem desenvolvidas na sala de aula do ensino regular.

Nesta interação entre as docentes, a professora do ensino regular oportunizou a professora especializada a vivência na prática de seu conhecimento teórico.

Ao término da pesquisa, foi aplicada novamente a entrevista com a professora do ensino regular, com as mesmas questões da primeira entrevista, onde se constatou a mudança na concepção de altas habilidades/superdotação:

“Puxa colega, eu não tinha idéia do que seria a superdotação. Não imaginava que estes alunos precisassem atenção tanto quanto os demais alunos.”

“Foi uma experiência maravilhosa, jamais vou esquecer.”

“Esta experiência retrata o quanto precisamos aprender a respeito de muitas coisas.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar que os resultados positivos alcançados nesta pesquisa só foram possíveis mediante o interesse dispensado pela professora do ensino regular em aprender sobre este tema e em aceitar o desafio proposto, e, principalmente, o trabalho conjunto entre os dois profissionais envolvidos na pesquisa.

A educação dos alunos com altas habilidades/superdotação no contexto da educação inclusiva requer mudanças de postura por parte do professor frente ao diferente; mudanças nas concepções de educação, aprendizagem e currículo; respeito à diversidade; acesso à formação e informação sobre altas habilidades/superdotação; trabalho conjunto entre ensino regular e ensino especializado, para que, a partir destas mudanças o aluno com altas habilidades/superdotação tenha suas especificidades respeitadas, suas necessidades atendidas e seu potencial estimulado

Para educar neste novo contexto, o professor terá que ousar, arriscar, criar e, sobretudo, ter suas especificidades também respeitadas.

Este é, sem dúvida, o carro-chefe da educação inclusiva: a criatividade.

Nós, professores, teremos que abrir mão das práticas pedagógicas tradicionais, das aulas visando o cumprimento de conteúdos, das folhas mimeografadas com os desenhos já prontos.

Devemos apostar e estimular o potencial de todos os alunos, mas principalmente daqueles alunos que têm um potencial mais desenvolvido e que estão esperando ansiosos novos desafios dentro e fora da escola de ensino regular.

Este estudo foi um tímido início diante do longo e desafiante caminho que nós, professores, temos que percorrer em relação ao atendimento educacional às necessidades do aluno com altas habilidades/superdotação que se encontra no cotidiano da sala de aula do ensino regular.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E.S; FLEITH, D.deS. **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

BRASIL. Lei nº 10172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF. 2001a. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em: 05 set. 2001.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília, MEC/SEESP, 2008.

A Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: vol.2: atividades de estimulação de alunos. Brasília: Ministério da Educação, SEESP, 2007.

FREITAS, S.N. (Org). **Educação e altas habilidades/superdotação:** a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

GARDNER, H. **Estruturas da mente:** a teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: ARTMED, 1994.

_____. **Inteligências múltiplas:** teoria na prática. Porto Alegre: ARTMED, 1995.

_____. **Inteligência:** um conceito reformulado. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

GERMANI, Larice M. Bonato. **Características de Altas habilidades/Superdotação e de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Uma contribuição à família e à Escola.** 2006. Dissertação de Mestrado (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da PUCRS. Porto Alegre.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos:** um conceito de inclusão. Petrópolis: Vozes, 2006.

MITTLER, P. **Educação inclusiva:** contextos sociais. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

PÉREZ, S. G. P. Mitos e crenças sobre as pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v.2, n. 22, p.45-59, 2003.

RECH, A.J.D.; FREITAS, S.N. O papel do professor junto ao aluno com Altas Habilidades. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.2, n. 25, p.59-71, 2006.

RENZULLI, J. El Concepto de Los Tres Anillos de la Superdotación: Un Modelo de Desarrollo para una Productividad Creativa. In: **Intervención e Investigación Psicoeducativas e alumnos Superdotados.** Salamanca: Amarú Ediciones, 1986.

SABATELLA, M. L.; CUPERRTINO, C.M.B. **A Construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** vol.1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, SEESP, 2007.

VIRGOLIM, A.M.R. **Altas habilidades/superdotação:** encorajando potenciais. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

WINNER, E. **Crianças superdotadas**: mitos e realidades. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.